



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE COMUNICAÇÃO**  
**MEMÓRIA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**STELLA BIANCA NOVAES GALVÃO**

**CADERNO ESPECIAL:**  
**VOZES DO ENGENHO – MEU BAIRRO, PARTE DE SUA CIDADE**

Salvador  
2008

**STELLA BIANCA NOVAES GALVÃO**

**CADERNO ESPECIAL:**  
**VOZES DO ENGENHO – MEU BAIRRO, PARTE DE SUA CIDADE**

Memória do Trabalho de Conclusão apresentada ao Curso de graduação em Comunicação com habilitação em Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Prof. Dr. Giovandro Marcus.

Salvador  
2008

A minha mãe, meu exemplo de vida  
Ao meu pai, meu anjo da guarda  
A Luciano, meu amor

## **AGRADECIMENTOS**

Tantos merecem aparecer nesta página e alguns já estão na dedicatória. Mas vamos lá...

A Deus e Nossa Senhora Aparecida, por ter iluminado meus passos ao longo da graduação.

Aos moradores do Engenho Velho, os protagonistas deste Trabalho de Conclusão de Curso, pela inspiração, confiança e sabedoria.

À Mônica, pela parceria.

A Giovandro, orientador e um dos mestres de minha graduação.

Aos amigos da Coelba, em especial Patrícia Almeida e Magnólia Cavalcante, pela profissional que hoje sou.

À minha família, por ter aturado meus momentos de ansiedade e angústia.

A Juha Vasku, pai de Mônica e diagramador do caderno especial, pela disponibilidade.

## RESUMO

Esta memória relata o processo de produção do caderno especial *Vozes do Engenho – Meu bairro, parte de sua cidade*, resultante de visitas ao bairro Engenho Velho da Federação, pesquisas e entrevistas. Pretende-se, ao longo dessa memória, que o leitor se familiarize com as diversas etapas produção, desde a formação do projeto, passando pela produção das reportagens até impressão do produto final. Ao longo do desenvolvimento do referido produto jornalístico, foram abordadas questões teóricas, práticas e gráficas.

**Palavras-chave:** Caderno Especial; Engenho Velho da Federação; reportagem.

## SUMÁRIO

<b>1. O PROJETO</b>	<b>07</b>
1.1. APRESENTAÇÃO	07
1.2. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA	08
1.3. JUSTIFICATIVA	09
1.4. O ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO	09
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	<b>11</b>
2.1. SOBRE O BAIRRO	11
2.2. SOBRE O CADERNO ESPECIAL	12
2.3. SOBRE ROTINA PRODUTIVA E REPORTAGEM	13
<b>3. O PRODUTO</b>	<b>15</b>
3.1. PAUTAS E REPORTAGENS	16
3.2. AS FONTES	18
3.3. AS FOTOS	19
3.4. O NOME E A CAPA	19
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>19</b>
<b>5. BIBLIOGRAFIA</b>	<b>21</b>

## 1. O PROJETO

## 1.1. APRESENTAÇÃO

Esta memória refere-se ao processo de produção do caderno especial *Vozes do Engenho*, realizado ao longo do segundo semestre de 2008, como Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O projeto que deu origem a esse produto jornalístico começou a ser desenvolvido no segundo semestre de 2007. A idéia baseia-se na elaboração de uma série de cadernos especiais sobre bairros de vasta riqueza cultural e relevante papel na formação da capital baiana, que são marginalizados e estereotipados pela mídia convencional.

Este projeto atende, principalmente, a dois anseios. O primeiro deles surgiu antes mesmo do ingresso na UFBA. Uma minoria tem a oportunidade de cursar o ensino superior nesta instituição e esses poucos privilegiados devem retribuir, de alguma forma, à sociedade pelos anos de estudos financiados. Portanto, *Vozes do Engenho* é uma retribuição aos moradores da comunidade do Engenho Velho que, através do pagamento de seus impostos, proporcionaram minha graduação nesta conceituada Universidade.

O outro anseio surgiu já nos primeiros semestres de graduação, quando, com a ajuda dos meus mestres, comecei a desenvolver um olhar crítico diante das coberturas jornalísticas. Para tal, destaco as disciplinas Teorias do Jornalismo (ministrada pelo atual diretor da FACOM e orientador deste TCC Giovandro Marcus), Oficina de Jornalismo Impresso (Graciela Natanshon) e Temas Especiais em Jornalismo Impresso (Malu Fontes). Ao longo das aulas, ficava claro a superficialidade das coberturas midiáticas e, como na correria diária das redações dos veículos, o trabalho de apuração e as grandes reportagens ficam de fora.

Foi então que no sexto semestre, durante as aulas da disciplina Elaboração de Projeto em Comunicação, com a professora Carmen Jacob, a colega Mônica Vasku externou o interesse em fazer como Trabalho de Conclusão algum produto sobre o Engenho Velho da Federação. Juntas, desenvolvemos o projeto de criar uma série de cadernos especiais sobre bairros populares que só aparecem nas páginas policiais dos jornais e em matérias sobre segurança nos noticiários de TV.

O tema escolhido para o caderno especial foi bairro do Engenho Velho da Federação. O produto funcionará como projeto-piloto que futuramente possa ser inserido mensalmente em uma edição de algum jornal de circulação dentro da cidade de Salvador. A escolha foi motivada pela proximidade da colega Mônica Vasku, convivendo nesta por aproximadamente uma década. O fato de ter testemunhado desde fatos violentos como tiroteios a ricas manifestações culturais estimulou a conhecer melhor o universo daquele lugar.

O objetivo principal era ousado: se desfazer dos estereótipos e retratar o bairro como ele é. Mostrar, através de reportagens, quanta riqueza cultural pode ser encontrada em uma comunidade pobre e carente e as estratégias utilizadas para lidar com tanta dificuldade. Desta maneira, as pessoas podem construir uma nova concepção de Salvador, entendendo melhor seus desafios, que só serão compreendidos a partir do momento em que seja dado um canal de visibilidade para tais bairros que concentram as maiores dificuldades enfrentadas pela população.

## **1.2. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA**

Por se tratar de uma publicação jornalística, nosso problema foi atrelado à sua elaboração. Além dos problemas do produto, tivemos o problema teórico no que tange à abordagem escolhida.

O problema teórico se concentrou na abstração de nossas próprias visões preconceituosas para atingirmos a essência daquela população. O desafio da dupla foi elaborar um produto o mais fiel possível às características da comunidade do Engenho Velho da Federação, isentos das idéias anteriormente assimiladas em relação àquelas pessoas e práticas.

Os problemas práticos foram muitos. O primeiro e mais importante está ligado ao objetivo de proporcionar aos nossos leitores uma visão diferenciada em relação ao assunto abordado. A intenção é que o caderno especial interfira na idéia que as pessoas têm sobre o bairro e sobre seus problemas e habitantes. Para tal, ficamos atentas à linguagem e recursos utilizados para que o conteúdo seja assimilado.

## **1.3. JUSTIFICATIVA**



O que nos impulsionou a criar este projeto e produzir *Vozes do Engenho* foi a vontade de sair do conceito estabelecido socialmente sobre os bairros periféricos e construir outro conceito, através de um produto jornalístico que se propõe a retratar fatos da forma mais fiel possível.

Ao pesquisar na mídia impressa notícias sobre o Engenho Velho da Federação, foram encontradas apenas cinco matérias que não abordavam problemas sociais: “TEATRO E RESGATE SOCIAL” (A Tarde, 22.07.06, Caderno 2, p. 1, Eduarda Uzeda); “ENGENHO VELHO EMANCIPA-SE : NEGRITUDE DÁ PERSONALIDADE À ÁREA” (Tribuna da Bahia, 06.08.1987, Cidade, p.20); “BAIRRO GANHA OBRAS POR SER QUILOMBO” (A Tarde, 25.09.2005, Local, p.12, Cleidiana Ramos); “SOLIDARIEDADE NÓRDICA” (Correio da Bahia, 28.01.2005, Aqui Salvador, p. 8, Fernanda Grisi); e “ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO, BERÇO DO AXÉ” (A Tarde, 26.02.2000, Caderno 2, p.4, Maria de Fátima Dannerman).

A escolha por um caderno especial se deve ainda à vontade de aperfeiçoar nossas técnicas de redação e experimentar as rotinas produtivas de um meio jornalístico. Suas dificuldades, desafios e formatações. Abrimos-nos a um campo desconhecido como forma de por a prova todo o conhecimento teórico adquirido nos anos de graduação.

#### **1.4. O ENGENHO VELHO DA FEDERAÇÃO**

O Engenho Velho da Federação é um bairro popular da região central de Salvador e está localizado em um morro que se estende desde as margens da Avenida Vasco da Gama até a Avenida Cardeal da Silva. Com cerca de 80 mil moradores, a região faz limite com os bairros Federação, Engenho Velho de Brotas, Brotas, Horto Florestal e Ondina. Vielhas, becos e ladeiras caracterizam o local. Poucas ruas permitem a passagem de veículos e o acesso a muitas áreas só é possível através das escadarias.

A capital baiana nasceu de forma planejada em 1549, mas apresentou um desenvolvimento desordenado. A partir das décadas de 50 e 60 do século XX, assim como as demais cidades do país, Salvador passa por um crescimento industrial e econômico, o que provocou grandes transformações na cidade. A chegada das indústrias, expansão do comércio

e crescente migração criou a necessidade de novos espaços para moradia. A falta de planejamento e baixo poder aquisitivo da população (boa parte dela descendentes de escravos) propiciou o surgimento de invasões e favelas, que hoje denunciam a estratificação social existente – a exemplo do Engenho Velho da Federação.

Habitações simples, pequenas e sem acabamento fornecem ao bairro a predominância de duas cores: o cinza do cimento e o alaranjado dos tijolos. As casas se amontoam e são tão próximas umas das outras que tem se a impressão de não haver espaço entre elas. Obviamente que esse crescimento trouxe uma série de problemas. Abastecimento de água, asfalto, moradia, saneamento básico e assistência médica são alguns deles.

Existe uma terceira cor no Engenho e esta é fornecida pelo tom da pele da maioria de sua população. Ele é considerado um dos bairros mais negros da capital baiana e é formado por gente simples e hospitaleira. Os recentes casos de violência, todos ligados ao tráfico de drogas, podem até ter modificado a rotina do local, mas não alteraram a forma receptiva de atender aos visitantes e o orgulho ao falar do bairro ainda aparece no discurso de boa parte dos moradores.

Lá, estão instaladas mais de 13 casas de candomblé, dentre elas o mais antigo terreiro do Brasil, a Casa Branca do Engenho Velho, tombada como patrimônio cultural da humanidade. O bairro abriga ainda o único monumento público a uma sacerdotisa de religião africana, um busto, em fibra, de Mãe Runhó (ex- Doné do terreiro do Bogum).

Em 2005, o Engenho Velho foi escolhido para ser a primeira comunidade a receber o título de Quilombo Urbano. O projeto do Governo Federal está beneficiando localidades que tenham história de resistência da herança afro-brasileira e um sentido forte de territorialidade e de comunidade. Através da iniciativa, o Engenho Velho recebeu R\$ 300 mil para a realização de melhorias urbanas na área, priorizando os locais de acesso aos terreiros, entidades fundamentais para que o bairro fosse escolhido para um projeto-piloto, pois são entendidos como marcos de resistência negra. Esse projeto traz uma ampliação do conceito de quilombo, antes associado apenas a espaços rurais herdeiros das comunidades que, historicamente, serviram como espaço de refúgio e luta contra a escravidão. Para o historiador Ubiratan Castro, os quilombos também devem ser entendidos como áreas que têm as

características próprias de reagrupamento, mas que mantêm sua identidade negra do ponto de vista cultural.

## **2. FUNDA MENTAÇÃO TEÒRICA**

### **2.1. SOBRE O BAIRRO**

Para conhecer as origens do bairro, o primeiro passo adotado foi procurar historiadores renomados que pudessem indicar livros e estudos sobre o Engenho Velho da Federação. Através de Ubiratan Castro e Cid Teixeira, tomamos conhecimento da não existência de uma bibliografia específica sobre o tema. Diante dessa questão, os moradores mais antigos e os estudos acerca das casas de candomblé funcionaram como as principais fontes de informação.

Dentre os moradores, destaque para Valdina Pinto, 65 anos, nascida e criada no Engenho Velho; Orlando Barbosa, membro da Associação de Moradores desde a década de 70; e Dona Paula, 74 anos, há 58 no bairro. Os relatos desses três personagens foram fundamentais para entender não só como se deu a ocupação, mas também dos costumes do local.

Acredita-se que os primeiros moradores se estabeleceram na região por volta do final do século XVIII. Eram descendentes diretos de escravos e migrantes do interior do estado. Duas grandes fazendas ocupavam quase toda área: a Madre de Deus, pertencente à família Catarino, e a Engenho Velho, da família Filgueira Santos. Entre as décadas de 40 e 60, essas terras foram loteadas e arrendadas para pessoas, na sua maioria, de origem humilde.

A trajetória dos primeiros terreiros instalados na região também ajuda a contar a história do bairro. De acordo com os laudos antropológicos escritos por Ordep Serra, não há registros que comprovem a data exata da instalação dos Terreiros do Bogum e da Casa Branca do Engenho Velho. Estima-se que as roças chegaram ao local ainda na primeira metade do século XIX. De acordo com o mapeamento dos terreiros de Salvador feito pelas Secretarias Municipais da Reparação e da Habitação, em parceria com Centro de Estudos Afro- Orientais

da UFBA, a instalação do Bogum data de 1835. Os laudos e os relatos dos moradores antigos levam a crer que o templo de matriz africana foi uma das primeiras construções.

Ainda no que tange às origens, foram de muita valia os CD ROOMs *Quem Faz Salvador – Rede de lideranças Sociais e Culturais*, uma parceira entre a Universidade Federal da Bahia e a Prefeitura Municipal de Salvador; e *Enciclopédias da Cidade*, produzido pelo Instituto Casa Via Magia. Este é fruto de uma grande pesquisa sobre a ocupação e cultura da região de Federação; enquanto aquele reúne depoimentos de estudiosos e lideranças comunitárias e religiosas.

## **2.2. SOBRE O CADERNO ESPECIAL**

O caderno especial é um suplemento jornalístico que aborda um único tema e, geralmente, não possui periodicidade definida. As pautas costumam ser atemporais, os textos mais longos e profundos e o gênero jornalístico utilizado é a reportagem. O formato é pouco utilizado pelos três jornais soteropolitanos de grande circulação: A Tarde, Tribuna da Bahia e Correio\*. Em tempos de redações cada vez mais enxutas e grande perseguição por “furos”, escândalos e notícias imediatas, o fato pode ser justificado pelo formato requerer mais dedicação dos repórteres e prazos mais elásticos para a elaboração das matérias.

De acordo com Alberto Dines (1996), com o surgimento da TV na década de 50, os jornais passaram por um processo de “revitalização”, que é uma aproximação com as reportagens feitas para revistas. Datam do início dos anos 60 os primeiros suplementos de jornais brasileiros: Economia, no Jornal do Brasil, e Turismo, na Folha de São Paulo. Segundo o autor, os diários começaram, assim, a ganhar aparência menos apressada e mais densa. Tornaram-se transcendentais.

O autor Sérgio Vilas Boas, no livro *O Estilo Magazine: O Texto em Revista*, coloca que assim como os magazines, o suplemento também possui um público específico. Outra semelhança é a questão do tempo e do espaço. O profissional dispõe de mais tempo para pesquisas e entrevistas e maior número de páginas. Os cadernos especiais também se apropriaram de outros recursos estilísticos atrativos, como fotos maiores, infográficos e diagramação diferenciada.

Para Carmem Carvalho, autora do artigo *Segmentação do Jornal, a história do suplemento como estratégia de mercado*, os cadernos especiais assumiram um papel importante na Era da Informação.

Em um mundo repleto de fontes de informação, o jornal diário parece ter encontrado a fórmula, por meio dos suplementos, para organizar todas elas e repassá-las ao leitor. Como se vê, o jornal precisa se dirigir a públicos específicos, por meio de cadernos e suplementos, que, ao segmentarem sua audiência, ampliam os públicos. A questão está em como fazer tudo isso sem abdicar da profundidade da informação, da análise crítica, do comentário, da opinião, e do uso de uma estética agradável no desafio diário contra o tempo e o espaço limitados. (CARVALHO, 2007, p.14)

Entretanto é preciso diferenciar o caderno especial dos cadernos semanais. Estes têm periodicidade fixa, empregam o gênero jornalístico notícia e abordam diferentes assuntos dentro de um mesmo universo. É o caso dos suplementos do jornal A Tarde, a exemplo do É Dez, Digital, Revista da TV e Empregos. As publicações locais costumam elaborar cadernos especiais quando acontece um fato de grande relevância e repercussão. Em julho do ano passado, a morte do senador Antonio Carlos Magalhães rendeu caderno especial em todos os jornais locais.

### **2.3. SOBRE ROTINA PRODUTIVA E REPORTAGEM**

No planejamento e execução de Vozes do Engenho, contamos com estudioso das teorias do jornalismo. Pretende-se integrar este caderno especial a um jornal. E este jornal é, antes de tudo, uma empresa com políticas, normas e metas. Como dono ou representante de propriedade, tem o direito nominal de estabelecer a política editorial do jornal e de verificar se as atividades estão coordenadas (ROETHLISBERGER E DICKSON, 1947). Para que a linha editorial estabelecida seja cumprida, alguns profissionais, chamados de “gatekeeper”, filtram o conteúdo do que será publicado. Em nosso trabalho, passamos por esse processo no momento de selecionar o que foi usado em nosso caderno e passaremos na hora em que formos submeter nosso material à análise de um grupo de empresários do ramo jornalísticos.

No quesito seleção das pautas e produção das notícias, utilizamos a teoria do *newsmaking*. De acordo este estudo, todo o material que é veiculado no meio jornalístico segue o critério dos *valores/notícia*:

Utilizam-se de duas maneiras. São critérios de seleção dos elementos dignos de serem incluídos no produto final, desde o material disponível até à redação. Em segundo lugar, funcionam como linhas-guia para a apresentação do material, sugerindo o que deve ser realçado, o que deve ser omitido, o que deve ser prioritário na preparação das notícias a apresentar ao público (GOLDING – ELLIOTT, 1979,144).

Esses critérios produtivos e práticas profissionais definem a noticiabilidade (a aptidão para se tornar notícia) de um fato, que será descontextualizado, ou seja, separado do contexto de origem, para poder ser recontextualizado nas formas informativas.

No dito jornalismo convencional, o texto deve começar com o *lead*, que é a resposta às seis perguntas fundamentais: O quê? Quando? Quem? Onde? Como? e Porquê?. O modelo atende à técnica da “pirâmide invertida”, estrutura clássica de apresentação de uma notícia. De acordo com esse paradigma, as informações mais importantes devem aparecer logo no primeiro parágrafo do texto.

Para o jornalista Ricardo Noblat (2008), o *lead* é inimigo do prazer que a leitura de um texto pode proporcionar por inibir a imaginação e a criatividade dos jornalistas e estimular a preguiça. Se as pessoas gostam de ouvir ou de ler histórias, como contá-las e escrevê-las com graça e esmero, se formos servos do *lead*? (NOBLAT, 2008, p.99). A pirâmide invertida ainda impera nas redações, mas há décadas vem sendo contestada. “Nos anos 60, jornalistas como Tom Wolfe, Truman Capote, Gay Talese e Norman Mailer inovaram. Abandonaram a estrutura clássica de texto factual, acrescentando elementos literários. Criaram o Novo Jornalismo” (SQUARISI – SALVADOR, 2005, p.19). No chamado Novo Jornalismo ou Jornalismo Literário, o gênero explorado é a reportagem. Ela amplia a cobertura de um fato, assunto ou personalidade revestindo-os de intensidade, sem a brevidade da notícia.

É a reportagem, onde se contam, se narram as peripécias da atualidade – um gênero jornalístico. Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não-cotidiana ou na televisão, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. E é mesmo, a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto

da literatura por seu compromisso com a atividade informativa. (SODRÉ, 1986, p.9)

Para ser caracterizado como reportagem, o texto deve apresentar os seguintes elementos: predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados. Conforme o assunto ou objeto em torno do qual gira a reportagem, algumas dessas características poderão aparecer com maior destaque (SODRÉ, 1986, p.15).

A reportagem pode ser de fatos (*fact-story*), com relatos objetivos dos acontecimentos e seguindo o formato tradicional da pirâmide invertida; de ação (*action-story*), com relatos mais ou menos movimentados, que priorizam o desenrolar dos acontecimentos e requerem uma postura mais participativa do repórter; ou documental (*quote-story*), onde é dedicado maior espaço, fundamentação e aprofundamento ao tema abordado (SODRÉ, 1986, p. 45-65).

Pelos motivos já citados no tópico 2.2., a técnica da reportagem é pouco utilizada nos veículos de comunicação, que priorizam o “aqui e agora”. Os textos elaborados para compor *Vozes do Engenho* seguiram o gênero reportagem, mais especificamente o modelo documental.

É o relato documental, que apresenta os elementos de maneira objetiva, acompanhados de citações que complementam e esclarecem o assunto tratado. A reportagem documental é expositiva e aproxima-se da pesquisa. Às vezes, tem caráter denunciante. Mas, na maioria dos casos, apoiada em dados que lhe conferem fundamentação, adquire cunho pedagógico e se pronuncia a respeito de uma questão. (SODRÉ, 1986: 64)

### **3. O PRODUTO**

O caderno especial *Vozes do Engenho* é composto por seis matérias, impresso em cores e em papel *couchê* branco tamanho A3, que dobradas totalizam 20 páginas de A4. Inicialmente, a intenção era que fosse feito em formato tablóide e papel-jornal, mas o valor cobrado pelas gráficas para imprimir uma pequena quantidade não permitiu que o trabalho

fosse feito nesse modelo. O projeto gráfico ficou sob a responsabilidade do profissional Juha Vasku, que fez uso do programa QuarkPress para diagramar o caderno.

### 3.1. PAUTAS E REPORTAGENS

O jornalista Ricardo Noblat, no livro *A Arte de Fazer um Jornal Diário*, apresenta duas definições de notícia.

Os manuais de jornalismo ensinam que é todo fato relevante que desperte interesse público. Fora deles, é tudo o que os jornalistas escolhem para oferecer ao público. Como nós valorizamos principalmente as notícias negativas, o mundo que os meios de comunicação retratam parece muitas vezes pior do que verdadeiramente é. (NOBLAT, 2008, p.31)

E com o Engenho Velho não é diferente. Para se ter uma idéia, basta fazer uma busca no site A Tarde On Line. Das 22 notícias que citam o bairro no período de 23.11.2007 a 23.11.2008, 13 são relacionadas a homicídios e assaltos, quatro à religião e cinco, a eleições municipais e problemas de infra-estrutura. Quem tem a oportunidade de conhecê-lo além dos veículos de comunicação, percebe que suas vielas e becos escondem muitas riquezas.

A escolha das pautas interfere diretamente na aceitação do produto. Para o jornalismo diário, *grosso modo*, basta cobrir os fatos do dia-a-dia. Em publicações mensais, quinzenais ou sem periodicidade definida, a exemplo dos cadernos especiais e revistas, exige-se que o jornalista encontre novos enfoques para os assuntos que serão tratados.

Como um dos objetivos principais de *Vozes do Engenho* é modificar, retratando a realidade local, a visão preconceituosa que boa parte da população tem sobre o Engenho Velho; as seis pautas escolhidas priorizam temas que não são contemplados pela mídia convencional.

“Prazer, Engenho Velho da Federação” foi a primeira matéria escrita e aborda o cotidiano e a vivência no local. Sua elaboração foi feita com base em entrevistas com moradores e observações das autoras ao longo dos meses de agosto e setembro. Foram colhidos depoimentos de pessoas de faixas etárias e opiniões diferentes.



A reportagem “Engenho de todas as crenças” fala sobre as religiões existentes bem como o relacionamento entre as mesmas. Como existem mais de 15 casas de candomblé e diversas igrejas evangélicas, e não teria espaço tratar de todos os templos, selecionamos alguns para serem abordados na matéria. No caso da religião de matriz africana, usamos a tradição como critério de escolha. O terreiro do Bogum foi selecionado por ser o mais antigo do bairro, e a Casa Branca do Engenho Velho, por ser o mais antigo do Brasil. Já no caso das evangélicas, não houve um critério específico e as igrejas entrevistadas foram a Batista Lírio dos Vales e Universal do Reino de Deus.

Algumas iniciativas de associações e ONGs para cobrir lacunas do poder público são o foco de “Trabalho social tem sido destaque na comunidade”. A reportagem traz as ações da Associação de Moradores, da Associação de Mulheres e dos grupos Quilombo Capoeira, Capoeira Angola Engenho Velho e AfroBogum. O bairro conta ainda com outras instituições que desenvolvem trabalhos sociais, mas também por uma questão de número e espaço, não teria como contemplar todas.

A matéria “E a nova geração?” é destinada à realidade e perspectiva das crianças e adolescentes. Para sua produção, foram entrevistados adolescentes e crianças com diferentes visões de vida, além das secretarias Municipal e Estadual de Educação.

A segurança, apesar de retratada exaustivamente por jornais e TVs, é o tema de “Violência: a outra face do Engenho Velho”, porém o assunto não é abordado como uma peculiaridade do bairro, mas como um problema que tem atingido toda a cidade. A matéria traz entrevistas com o Major Lemos, responsável pela 41ª Companhia de Polícia Militar; Portela, chefe do Departamento de Investigação da 7ª Delegacia; e Reinaldo, detido há cerca de três meses na carceragem da 7ª Delegacia.

“O Engenho Velho era assim...” é a reportagem especial e ocupa cinco páginas do caderno. Ela retrata a história e ocupação do bairro, além do costumes da comunidade. Para sua elaboração, foram feitas entrevistas com Makota Valdina, reconhecida nas comunidades intelectuais como grande conhecedora da cultura afro descendente e presença constante em eventos acadêmicos; Orlando Barbosa e Dona Paula (ver tópico 2.1). Como existem algumas versões para a história do bairro, foram colocadas as principais hipóteses, que envolvem a Revolta dos Malês, engenhos de cana-de-açúcar e quilombos.

### 3.2. AS FONTES

As coberturas jornalísticas, geralmente, privilegiam certos órgãos e instituições, as chamadas fontes oficiais.

O fluxo noticioso acaba regido pela atuação de instituições hegemônicas e marginaliza os núcleos de arregimentação comunitária. Os meios de comunicação deviam ouvir mais o povo, segmento que está mais envolvido no processo social, econômico e político. Afinal, é o povo que enfrenta os problemas gerados pelos transportes, custo de vida, educação, saúde e outros enfocados no dia-a-dia dos jornais pelo poder. (MELO, 1985)

Em *Vozes do Engenho*, as principais fontes foram os próprios moradores. Seus relatos, depoimentos e reivindicações foram priorizados. As fontes oficiais foram procuradas para fornecer dados estatísticos e se posicionar acerca das deficiências e projetos previstos para o bairro. Das 42 fontes utilizadas, 32 são moradores ou desenvolvem alguma atividade na região e as nove restantes, órgãos públicos.

As Secretarias municipal e estadual de educação foram contatadas para informar sobre educação sexual nas escolas e a Secretaria Municipal da Reparação - SEMUR, para informar o que já foi realizado ou está previsto para ser feito com a verba destinada pelo Governo Federal ao projeto Quilombo Urbano. A 7ª Delegacia e a 41ª Companhia da Polícia Militar foram entrevistadas pessoalmente para falar sobre segurança e ações preventivas. A fim de adquirir os dados sobre a violência no bairro, foi procurado o Centro de Documentação e Estatística Policial (Cedep). À Embasa e Superintendência de Manutenção e Conservação da Cidade – Sumac foram solicitados, através de telefone e e-mail, esclarecimentos acerca do abastecimento irregular de água e do asfalto antigo, problemas denunciados pela Associação de Moradores. Diante do grande número de adolescentes grávidas, estivemos no Posto Municipal de Saúde da Avenida Cardeal da Silva para colher informações sobre o programa de planejamento familiar.

### 3.3. AS FOTOS

As fotografias também mereceram atenção especial, tanto no momento da captura de imagem quanto no momento da diagramação. Fotos provocam reações emocionais, convidam a mergulhar num assunto, a entrar numa matéria. É preciso saber posicioná-las nos lugares nobres de casa página, isto é, os de maior visibilidade, por exemplo, o canto direito de uma página ímpar (SCALZO, 2004, p. 69-70). Das 22 fotos publicadas no caderno, apenas a que aparece na página 10 foi retirada da internet, diante da dificuldade para encontrar imagens do período da ocupação do bairro. As demais 21 foram selecionadas dentre as 86 fotografias capturadas pelas autoras ao longo do trabalho de campo.

### 3.4. O NOME E A CAPA

*Vozes do Engenho* foi a expressão eleita para dar nome ao caderno especial pelo fato dos moradores terem sido as principais fontes do trabalho. Além disso, transmite a segurança, pois ali, quem está falando sobre o Engenho Velho é gente que cresceu ou reside há mais de uma década no local. *Meu bairro, parte de sua cidade*, complementa o nome e tem o objetivo de aproximar o Engenho dos leitores que desconhecem seu universo.

A foto de Bruna, uma garota negra de oito anos, ocupa toda a capa do caderno. Ela representa a cara do Engenho Velho e está posicionada em uma janela aberta, convidando o público-leitor a adentrarem no bairro. A foto contrasta com as imagens de miséria e violência freqüentemente vinculadas à região. Criança remete à inocência, alegria, esperança e futuro, além de estar presente em todas as partes da cidade, o que também aproxima os leitores.

Juntamente com o nome e a foto de Bruna, a frase “A história e o cotidiano de um bairro marcado pela resistência”, posicionada abaixo de Bruna, integra a capa e antecipa uma das principais características da comunidade: a resistência.

## 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de produção do caderno *Vozes do Engenho* foi dividido em quatro etapas. Na primeira, foi realizado o levantamento bibliográfico sobre a formação da cidade de

Salvador e terreiros de candomblé. Em seguida, foi iniciado o trabalho de campo, com visitas ao bairro e entrevistas. A seleção do material recolhido e redação dos textos foram realizadas na terceira etapa. Por fim, na fase final, a elaboração da memória, a diagramação e impressão do material.

Ao longo desse processo, as autoras se depararam com algumas dificuldades que interferiram diretamente no resultado final. Vale ressaltar que as visitas ao Engenho Velho da Federação se intensificaram em agosto de 2008, um mês após a chacina que deixou quatro jovens mortos e outros nove, feridos. O fato modificou a rotina do local e deixou a comunidade assustada. Após a chacina, outros casos de homicídio aconteceram, além de trocas de tiros entre facções rivais. Essas ocorrências atrasaram todo o cronograma do trabalho. Visitas adiadas, entrevistas canceladas e moradores que se recusavam a conversar por medo de retaliações dos líderes do tráfico de drogas. Durante as entrevistas a temática da violência sempre vinha à tona, mesmo quando a pauta tratava de outro assunto.

O problema não permitiu que todas as extensões do bairro fossem contempladas no trabalho. Como medida de segurança, as pesquisas de campo e entrevistas se limitaram a Rua Apolinário Santana, Ladeira João de Deus, Ladeira do Bogum e final de linha. A Baixa da Égua e o Vale da Muriçoca, consideradas as localidades mais perigosas do bairro pela Polícia Militar e pela própria comunidade, ficaram de fora. A falta de segurança chegou a inviabilizar inclusive fotografias panorâmicas. Com o atraso no trabalho de campo, atrelado a outros fatores, a revisão dos textos ficou comprometida. Apenas duas reportagens passaram pela correção de uma professora de português.

Em todo o processo de elaboração de *Vozes do Engenho* foi procurado seguir os princípios éticos, tão necessários para a qualidade e credibilidade do trabalho final. Em *Jornalismo de Revista*, ao iniciar o capítulo sobre ética, autora Marília Scalzo cita o jornalista e professor espanhol Carlos Soria, da Universidade de Navarra. Para Soria, em jornalismo, ética é igual à qualidade da informação. Uma informação bem apurada, por meios lícitos, com boas fontes, checadas e confrontadas, analisadas, bem escrita, enfim, de qualidade, tende a ser fruto de um processo que respeitou os parâmetros éticos.

Por fim, a participação em todas as etapas da produção de um caderno especial foi o maior saldo deste trabalho. Durante a graduação, poucas disciplinas propiciam a prática jornalística e este TCC oportunizou a vivência e aplicação dos ensinamentos adquiridos nos quatro anos de academia. Foram quase 11 meses de ansiedade, discussões, incertezas e, principalmente, aprendizado humanístico e profissional.

## **5. BIBLIOGRAFIA**

CARYBÉ. Os deuses africanos no candomblé da Bahia. Salvador: Bigraf, 1993.

ALLPORT, G. The nature of prejudice. Cambridge: Addison-Wesley, 1954.

SCALZO, Marília. Jornalismo de Revista. 2ª ed, São Paulo: Contexto, 2004.

FERREIRA, Giovandro Marcus. Apontamentos sobre as propriedades do campo de produção jornalístico.

ARAÚJO, U. C. Salvador era assim. Memórias da Cidade. Instituto Histórico e Geográfico da Bahia, Salvador, 1999.

CARVALHO, Carmem. Segmentação do jornal, a história do suplemento como estratégia de mercado. Trabalho apresentado ao GT de Mídia Impressa, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciee, São Paulo, 2007.

DINES, A. O papel do jornal: uma releitura. 6. ed., São Paulo: Sumus, 1986.

LAGE, N. A reportagem - Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística, Rio de Janeiro: Record, 2001.

SODRÉ, M. e FERRARI, M. H. Técnica de Reportagem: notas sobre a narrativa jornalística, São Paulo: Summus, 1986.

VILAS BOAS, Sergio. O estilo magazine: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

TEIXEIRA, Cid. Bahia em Tempo de Província. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1986.

NOBLAT, Ricardo. A arte de fazer um jornal diário. 7ª Ed, São Paulo: Contexto, 2008.

SERRA, Ordep. Ilê Axé Iyá Nassô Oká: Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho. Salvador, set. 2008. Disponível em: <<http://ordep Serra.files.wordpress.com/2008/09/laudo-casa-branca.pdf>>

SERRA, Ordep. Terreiro do Bogum: Zoogodô Bogum Malê Rundó. Salvador, 2006. Disponível em: <<http://ordep Serra.files.wordpress.com/2008/09/bogum-vii.pdf>>

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. Lisboa: Presença, 1994.